

A EDUCAÇÃO NAS FOLHAS DO JORNAL “A PLEBE” : 1917-1919

EDUCATION IN THE NEWSPAPER “A PLEBE”: 1917-1919

Aracely Mehl Gonçalves¹; Maria Isabel Moura Nascimento²

Recebido para publicação em 02/06/2008

Aceito para publicação em 19/07/08

RESUMO

A vinda dos imigrantes ao Brasil, no final do século XIX e início do século XX, trouxe consigo diferentes pensamentos para dentro das indústrias, sendo que o anarquismo se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Para os anarquistas o futuro da humanidade exclui todo princípio de autoridade, de domínio e de exploração do homem pelo homem. Preocupados com a formação do homem anarquista, dedicaram escritos e estudos ao tema da educação. A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados, contribuiu sobremaneira à divulgação dos ideais do movimento e a suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Este artigo tem como objetivo analisar as idéias a respeito de educação encontradas no Jornal anarco-sindicalista “A Plebe”, da cidade de São Paulo, nos anos que vão de 1917 a 1919.

Palavras-chave: Educação. Anarquismo. Imprensa. Jornal. Primeira República.

ABSTRACT

The coming of the immigrants to Brazil, at the end of the 19th century and beginning of the 20th century, brought along different thoughts to industry, and the anarchism which would convert the mainstream working-class in Rio de Janeiro and São Paulo. For the anarchists, the future of the humanity excludes all forms of authority, domain and exploration of man by man. The concern about the education of the anarchic man led to the writing of books and studies about mass education. The anarchic and labor press, connected to the unions that were created, contributed to the spreading of the movement ideals and its political actions, having also a didactic and doctrinal character. This article analyzes the ideas in regard to the education found in the anarco-sindicalist newspaper “A Plebe”, São Paulo, from 1917 to 1919.

Keywords: Education. Anarchism. Press. Newspaper. Brazil First Republic.

¹ Mestre em Educação, professora das Faculdades Integradas de Itararé, membro do grupo de pesquisa HISTEDBR- GT Campos Gerais.e-mail:aracelymehl@hotmail.com

² Doutora em Filosofia e História da Educação, professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do grupo de pesquisa HISTEDBR – GT Campos Gerais.e-mail: misabel@lexxa.com.br

Introdução

Após a libertação dos escravos, a fim de substituir esta mão de obra, o Brasil abriu suas portas à imigração. A imigração massiva de trabalhadores de origem européia atingiu seu apogeu ainda na primeira República, período marcado pelo descompromisso social e pela repressão econômica voltada para o mercado exterior e para a monocultura, além do autoritarismo da elite agrária, particularmente os cafeicultores do oeste paulista que se utilizavam da máquina estatal para beneficiar os seus interesses.

A princípio, estes imigrantes dirigiram-se às plantações de café, porém, em “[...] razão das condições sociais e da remuneração, os trabalhadores abandonam voluntariamente as plantações ao fim do contrato (1 ano) para procurar uma situação mais vantajosa [...]” (SILVA, 1986, p.45).

Muitos deles escolheram ir para a cidade para poder exercer as atividades industriais e artesanais que já praticavam em seu país de origem, dando início ao aparecimento de um proletariado urbano (HILSDORF, 2003, p.58).

Os imigrantes, na sua maioria, organizaram-se em sindicatos e sociedades de classe, com intuito de reivindicar melhores condições de trabalho, algo que já haviam feito em seus países de origem, durante a revolução industrial.

O crescimento da indústria paulista fez com que muitos dos imigrantes se dirijam às fábricas a procura de trabalho; consolidando a cidade de São Paulo “[...] como um grande mercado distribuidor, sendo que, em 1907, havia 326 empresas em seu território; ao passo que, em 1929, já existiam 6.923” (SILVA 1986, p. 79).

A vinda dos imigrantes - pessoas de diversas origens - trouxe consigo diferentes pensamentos para dentro das indústrias, sendo que “[...] o anarquismo³ se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo” (Idem, 1977, p.62).

O Anarquismo, como movimento, é um sistema de pensamento social objetivando mudanças “[...] na estrutura da sociedade, com o objetivo de

³ As idéias anarquistas no Brasil também remontam ao século XIX, havendo o registro de publicações como *Anarquismo Fluminense*, de 1835, e *Grito Anarquial*, de 1849,[...] a Colônia Cecília, que funcionou entre 1889-1894 [...] (SAVIANI, 2007, p.182).

substituir a autoridade do Estado por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres (FAUSTO, 1977, p.63). Esta cooperação se dá mediante o indivíduo em si, sem representantes, sem delegações, naturalmente em comunidades federadas e autônomas.

A liberdade, responsabilidade e autodisciplina eram as palavras de ordem do movimento. Para os anarquistas o futuro da humanidade exclui todo princípio de autoridade, de domínio e de exploração do homem pelo homem. O sujeito que segue as idéias anarquistas é um cidadão:

[...] que não quer ser oprimido mas também não quer oprimir, que não quer ser explorado, mas também não quer explorar, que não quer ser iludido mas também não quer iludir os outros[...] (LEUENROTH, 1963, p.22).

Para que este sujeito fosse formado, era preciso que o ideal anarquista fosse profundamente conhecido por ele, e, para que isto ocorresse, foram organizados grupos; publicados folhetins, jornais, panfletos e livros; bem como realizadas conferências e comícios para espalhar os ideais do grupo.

A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados, contribuiu sobremaneira à divulgação dos ideais do movimento e suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Para garantir a educação política de seus membros e espalhar seu ideal na comunidade, os anarquistas faziam grande uso dos jornais e impressos.

Estes impressos, por sua vez, faziam opções de divulgar esta ou aquela idéia educacional que melhor representasse seus princípios, seus pressupostos teóricos e que, portanto, articulassem a idéia de educação e revolução anarquista.

Preocupados com a formação do homem anarquista, dedicaram escritos e estudos ao tema da educação. A educação era fundamental nos planos anarquistas: somente ela poderia “[...] criar mentalidades e vontades libertárias capazes de, primeiro, estimular e impulsionar o processo de mudança social e de posteriormente, garantir a não degeneração da nova sociedade ácrata” (LUIZETTO, 1987, p.44).

Este artigo tem como objetivo analisar as

idéias a respeito de educação encontradas no Jornal anarco-sindicalista “A Plebe”, da cidade de São Paulo, nos anos que vão de 1917 a 1919, sendo que o primeiro marco temporal é relativo à fundação do jornal e o segundo ao fechamento das escolas anarquistas pelo Governo brasileiro. O procedimento metodológico adotado na pesquisa foi o da pesquisa bibliográfica e documental. A análise dos dados obtidos em ambas as instâncias se deu através do referencial teórico do materialismo histórico, respeitando-se portanto as categorias da contradição e da totalidade.

As fontes primárias para a pesquisa foram coletadas no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas.

O jornal “A Plebe” e a educação

O jornal “A Plebe” foi um importante jornal libertário publicado em São Paulo. Pretendia conscientizar o povo de sua situação e fazê-los tornarem-se mais críticos.

Há sempre entre o povo uma parcela de ingênuos dispostos a engolir as pílulas amargas, mas bem douradas, que os jornais da burguesia malevolamente lhe impingem. Por isso é preciso que estejamos alerta na barricada, para analisar, documentar, destruir as balelas que os nossos inimigos, que são os inimigos do povo, forjam contra nós (A PLEBE, 19/07/1919).

Os libertários eram conhecedores da importância de se educar o militante. Para eles era necessário instruir o trabalhador, dar-lhe cultura e conhecimento, pois um povo sem instrução engoliria as “pílulas amargas” da imprensa, da ideologia e do discurso burguês. Para tal, além dos artigos publicados no jornal a respeito da necessidade do operário educar-se, iniciaram campanhas de levantamento de fundos para a criação de escolas que atendessem os operários e seus filhos, afinal:

Que seria das classes privilegiadas e dos governos dilapidadores se Jeca Tatu⁴ soubesse ler e tivesse a necessária coragem de procurar a Verdade entre as xaropadas literárias que lhe dão para ler?(A PLEBE, 19/09/1919).

⁴ Nome e símbolo do roceiro paulista quando doente e desanimado. (AURELIO, s/d, p.699)

Também entendiam que, a fim de construir uma sociedade onde as relações de igualdade e solidariedade imperassem, era preciso privilegiar certas ferramentas de luta. Neste contexto, a educação e a propaganda seriam os instrumentos que preparariam os sujeitos para a revolução, transformação e gestão da sociedade futura, baseada nas égides do anarquismo.

“A Plebe” foi um jornal que, apesar de ter um forte teor sindical – preocupando-se na maior parte do período analisado com a organização das greves e dos sindicatos⁵ - também reservou espaços para falar de educação. Seus colaboradores compartilhavam da visão da imprensa como espaço privilegiado para o embate ideológico, que funcionaria, deste modo, como um instrumento pedagógico para a formação do proletariado, atuando:

[...] decisivamente no processo auto-educativo; como meio de comunicação ágil e pouco dispendioso, este é usado como um dos principais órgãos de militância e revela dados abundantes sobre essa experiência complexa dos agentes, onde ação profissional e militante se misturam [...] (KHOURY, 1988, p.83).

Acreditavam que o jornal era:

[...] uma arma poderosa, indispensável. É o veículo para fazer triunfar uma idéia, Como é a picareta para fazer derribar um governo. Um jornal é uma poderosa metralhadora que abre clareiras nos redutos inimigos, é a alavanca que dia a dia abala os alicerces dos thronos e dos altares (A PLEBE, 12/07/1919).

São vários os indícios de que o jornal procurava contribuir na formação cultural de seus leitores. Uma delas é a listagem de livros indicados para leitura encontrada em vários números dos jornais⁶ e também pequenos textos discorrendo sobre algumas obras, estimulando assim seus leitores à prática da leitura que era considerada pelos libertários como uma ferramenta importante para a emancipação do proletariado.

⁵ Para informações mais detalhadas quanto ao desenrolar das greves operárias realizadas nos anos de 1917, 1918, 1919, que correspondem ao recorte histórico estabelecido neste artigo, ver DULLES, 1973 e FAUSTO, 1977.

⁶ Ver edições de 14 de outubro de 1917, 21 de outubro de 1917 (a mais completa) e 09 de outubro de 1919. Estas são algumas das edições em que podemos visualizar tais listagens, porém elas são encontradas em outras edições também.

Em um exemplar do jornal “A Plebe” de 1917, publicou-se uma propaganda intitulada “Mentiras divinas”, que esclarecia os leitores quanto à importância de sua leitura⁷:

Só com estudo e raciocínio se chegará à verdade! É um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricô⁸. Com volume de 112 páginas (A PLEBE, 14/10/1917).

Defensores da prática do autodidatismo⁹, os grupos libertários tinham como prática manter bibliotecas e gabinetes de leitura, onde os militantes poderiam reunir-se para ler e comentar sobre os jornais e livros que eram lidos, pelos alfabetizados, àqueles que não dominavam os mecanismos da língua escrita. Desta maneira,

Com esta prática de oralização, os militantes que não dominavam os mecanismos da língua escrita podiam apropriar-se do conteúdo da literatura libertária. Muitos trabalhadores, analfabetos, desenvolviam técnicas de leitura pela audição e tornavam-se capazes de ler pela boca de seus companheiros. Outros ainda memorizavam trechos inteiros de suas obras prediletas (PERES, 2006, p.142).

Também sugeriam que os operários:

Ao invés de serem tão assíduos nos cinemas e nas sociedades recreativas, reúnam-se em suas casas e sindicatos estudem a questão social através dos livros ou dos jornais de propaganda. Leiam para os que não o sabem. Ainda que alguns se mostrem escépticos demais, não importa. O que importa é diminuir a ignorância (A PLEBE, 31-05-1919).

Assim como as propagandas referentes às escolas anarquistas da cidade de São Paulo, as inaugurações de escolas anarquistas em outras cidades também são freqüentemente citadas no ano de 1917, seguindo a orientação de fundar várias delas, colocada pelo Segundo Congresso Operário

⁷ Outras propagandas de livros e livrarias, com comentários do redator, podem ser visualizadas nas seguintes edições do jornal: 09/07/1917, 21/10/1917, 30/07/1919, 2/06/1919, 2/10/1919.

⁸ “Processo de impressão com as três cores fundamentais: amarelo, vermelho e azul”. (AURÉLIO, s/d, p.1245)

⁹ Para um estudo mais aprofundado da defesa do autodidatismo nos meios libertários ler VALVERDE, R (1996)

de 1913¹⁰.

Em 30 de junho de 1917, o jornal recebeu a notícia da fundação de uma escola em Sorocaba, onde os alunos pagavam uma taxa para freqüentar a escola, já que para os anarquistas, a escola gratuita governamental não oferecia subsídios para o desenvolvimento de uma educação que levasse o indivíduo a se tornar, além de um trabalhador, um ser inteligente e ativo, capaz de perceber a desigualdade econômica em que se encontrava.

Boas novas de Sorocaba. É com satisfação que transmito aos leitores de A Plebe grata notícia da criação, nesta cidade, de uma escola racionalista [...] manterá aulas noturnas e diurnas, aceitando alunos internos mediante a mensalidade de 35\$000 (A PLEBE, 30/06/1917)

Outra matéria, vinda do Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, conta a respeito do sucesso que a escola tinha obtido, já tendo oitenta alunos em seu primeiro ano, apesar das investidas da igreja e até da comunidade na qual:

Muitos riam ironicamente de nossa ousadia e boa vontade, e outros, embora com pessimismo prestavam seu concurso, outros ainda incapazes de compreender os nossos intuitos e o alcance social de uma escola racionalista combatiam-na, outros

¹⁰ No que esse refere à educação, foi esta a monção aprovada: Considerando que a instrução foi até uma época recente evitada pelas castas aristocráticas e pelas igrejas de todas as seitas, para manterem o povo na mais absoluta ignorância, próxima à bestialidade para melhor explorarem-no e governarem-no. Considerando que a burguesia, inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas, sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfoseiam a ciência, segundo os convencionalismos da sociedade atual, e monopolizam a instrução e tratando de ilustrar o operário sobre artificiosas concepções que enlouquecem os cérebros dos que freqüentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que constituem o civismo ou a religião do Estado. Considerando que esta instrução e educação causam males incalculavelmente maiores do que a mais supina ignorância e que consolidam com mais firmeza todas as escravizações, impossibilitando a emancipação sentimental, intelectual, econômica e social do proletariado e da humanidade. Considerando que este ensino baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação. Este Congresso aconselha aos sindicatos e às classes dos trabalhadores em geral, tomando com princípio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização das escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc. [...] (A VOZ, n.39/40, 1913, apud ARENA, 1991, p.29).

Esta monção explicitamente declarou que: o ensino fornecido pelas escolas mantidas pelo Estado e pela Igreja não servia à classe operária - pois era inferior àquela dada aos burgueses e conseqüentemente subalternizava os trabalhadores; que se tornava necessário que os sindicatos assumissem a educação das crianças proletárias, aconselhou, assim, a utilização do método racional e científico das escolas racionalistas de Ferrer nas escolas operárias que fossem criadas no Brasil e também incentivou a criação de jornais operários que, ao longo do tempo, acabaram por ser grandes defensores e disseminadores das idéias do educador catalão.

enfim mostravam-se indiferentes ou aguardavam os resultados [...] (A PLEBE, 09/06/1917).

O mesmo artigo conta também que um padre vizinho andava muito zangado e que frequentemente se ocupava em colocar o tema da Escola em seus sermões de maneira a denegrir o trabalho dos professores.¹¹

A criação de escolas era incentivada, uma vez que se colocava, no ato de educar os militantes, uma das condições para a formação das consciências e vontades libertárias. Um dos colaboradores do jornal escreveu um artigo onde aconselhava:

Vós deveis criar associações para vos elevar não só intelectualmente como moralmente na leitura de livros sadios de doutrina, em vez de romances tolos e sem proveito prático.[...] Em cada associação que criardes, criareis também uma escola, onde os vossos filhos possam se instruir isentos de preconceitos falsos que esta sociedade corrompida nos impõe. (A PLEBE, 25/08/1917).

Não foi só o ano de 1917 que viu iniciativas de aberturas de novas escolas anarquistas pelo país. Em 1919, também são encontrados artigos que informam a intenção de criar escolas em diferentes lugares do Brasil. Uma delas foi a de Poços de Caldas, em Minas Gerais, quando em assembleia foi “[...] *aventada a fundação de uma escola racionalista [...] discutiu-se sobre a abertura de uma escola nocturna para operários [...]* (A PLEBE, 21/06/1919). Uma notícia a respeito da situação da escola em São Caetano no Estado de São Paulo, lugar onde a escola foi fechada devido ao grande contingente de imigrantes que foram deportados após uma greve na Companhia Mecânica e Importadora do Brasil, traz a informação de que o diretor da escola fechada abriu outra em Bauru e acrescenta: “*Ainda bem, fecha-se uma, mas abre-se logo outra.*” (A PLEBE, 09/08/1919).

Percebe-se que o jornal escolheu Francisco Ferrer y Guardia como perpetuador de suas idéias pedagógicas, uma vez que sua figura é citada por várias vezes no jornal e suas idéias de educação, assim como a citação referente ao dia 25/08/1917 – educação isenta de falsos preconceitos – estão

presentes ao longo das leituras feitas no jornal.

Uma delas refere-se à necessidade de que os professores estejam aptos para ensinar sem que imponham a ideologia do Estado ou da Igreja, já que Ferrer considerava que, se estes se submeterem a tais instituições, como poderão instruir as crianças criticamente, já que eles mesmos são propagadores da ideologia dominante?

Uma professora da Escola Estadual Sete de Setembro, em entrevista para o jornal “A Plebe”, foi questionada porque estava permitindo que alunos tivessem aulas de tiro com um sargento do exército que vinha até a escola toda semana, sua resposta foi:

[...] não posso nem devo desobedecer aos meus superiores, visto que, além de nem ser diplomada no magistério primário, entendo que primeiro de tudo está a pátria, a grandeza do Brasil (A PLEBE, 22/09/1917).

Em um artigo, a respeito da formatura de um grupo de professores, o jornal discorre que o arcebispo metropolitano foi convidado por uma comissão de professorandas para “[...] *celebrar a missa em ação de graças pela terminação do curso [...]*” e termina o mesmo acrescentando: “*Que professores vão ter os filhos do povo!*” (A PLEBE, 09/06/1917), alegando que estes seriam ensinados por pessoas cheias de superstições e que seriam instrumentos usados para a propagação das idéias da classe dominante, e que, mesmo se propondo ao ensino laico, ensinavam o catecismo da igreja e da pátria.

O posicionamento do jornal era favorável a se ter professores militantes da causa anárquica “[...] *muitos camaradas agora têm a possibilidade de confiar seus filhos a uma escola dirigida por um velho militante do nosso movimento e bastante prático no delicado mistér do professor.* (A PLEBE, 30/06/1917). E também que “[...] *se os professores fizessem propaganda entre os seus alunos [...] teríamos muito maiores probabilidades que apenas a tacaña preocupação com os meios operários.*” (A PLEBE, 17/09/1919). Seguindo essa iniciativa, a propaganda foi feita em sala de aula, e a consequência, para os professores, foi a prisão; e, para a escola, o fechamento.

¹¹ Sobre outros artigos referentes à abertura de escolas, verificar a edição do jornal de 09 de agosto de 1917.

As escolas anarquistas no Brasil não foram somente centros de ensino, mas também centros de propagação das idéias anarquistas e conscientização do operariado, pois era claro para os anarquistas que:

Antes de haver a transformação social é preciso que exista um número suficiente de camaradas que propaguem largamente e à coletividade humana as idéias anarchistas. A transformação da actual sociedade, baseada na desigualdade econômica, depende principalmente de que os povos adquiram uma consciência anarchica, uma tendência revolucionária (A PLEBE, 04/08/1917).

O tom anticlerical, defendido por Ferrer, é claro nas reportagens que versam sobre a educação em “A Plebe”, que, de acordo com os redatores do jornal, além de chamar a atenção do leitor para o fato de a Igreja impedir o progresso do povo, mantê-los escravos não permitindo a emancipação do operário e ajudando os governantes a manterem-nos sob seu jugo, propõe que:

Muito facilmente nos podemos livrar do terrível inimigo: não ir à igreja, nem mesmo por curiosidade. O baptismo perante a moral é a educação e a instrução de nossos filhos [...] o dinheiro que teríamos de dar aos chylostomos sociais, daremos aos nossos estabelecimentos de instrução. Assim estes ladrões profissionais deixarão a batina e irão trabalhar (A PLEBE 16/06/1917).

Portanto, compactuavam com o pensamento de Ferrer, segundo o qual as escolas não deveriam ser mantidas pelo governo ou pela igreja, pois, se assim o fosse, elas certamente colocariam sua marca ideológica nas mesmas, não permitindo aos alunos que fossem realmente livres.

Ferrer pensava que: “*Procurar o meio de por os seres de acordo no amor e fraternidade, sem distinção de sexo, é a grande tarefa da humanidade*” (A PLEBE, 30/06/1917). Esta frase de Ferrer, publicada no jornal, leva a duas análises. Primeiro, a de que o jornal compactuava com o ideal antimilitarista defendido por ele, uma vez que dizia que:

Dentre todos os males resultantes da tirania organizada que domina neste século sob a denominação de Estado, a um que sobrepuja os outros em monstruosidade tremenda e que melhor e mais

claramente nos demonstra o que vem a ser essa nefasta instituição relativamente aos mais justos, mais elevados, mais nobres e verdadeiros sentimentos humanos. E esse mal que hoje tão soberbamente nos aflige e nos tortura – é a GUERRA é este o monstro (A PLEBE, 09/09/1917).

No mesmo mês e ano, a reportagem a respeito de uma escola particular que estava recebendo espingardas do Governo e as estava distribuindo aos alunos, que “[...] *como soldadinhos, em seus trajas brancos, desfilavam pelas ruas tocando cornetas e amedrontando a população* [...]” (A PLEBE, 08/09/1917), mostra a não aceitação deste tipo de educação por parte dos redatores do jornal, pois percebiam que as escolas governamentais:

Em vez de infiltrarem no espírito da infância os princípios do amor do bem e da justiça, ministram o sentimento de ódio e de rancor contra o seu semelhante [...] não são homens os que assim são educados. Não tem um nome tem um número. Não são livres, são escravos. Não se revoltam contra o chicote do senhor, aceitam passiva e obedientemente todas as humilhações, todos os vexames [...] (Idem, 08/09/1917)

Um aspecto interessante, neste extrato do artigo intitulado “*Farpas de fogo – soldadinhos*”, é que se pode inferir não somente o antimilitarismo, mas também o do respeito à individualidade do aluno preconizado por Ferrer, quando se lê “*Não tem um nome, tem um número*”, o princípio da liberdade: “*Não são livres, são escravos*” e a importância da educação não como um ato de adestramento do ser humano, mas sim um ato político, de libertação. Um sistema de educação no qual o homem consiga reconhecer “[...] a origem da desigualdade econômica e a mentira religiosa, o malefício do patriotismo guerreiro e todas as demais que o mantêm na escravidão.” (GHIRALDELLI, 1987, p.115). A segunda análise que se pode fazer do pensamento colocado no jornal no dia 30 de junho de 1917, “[...] *sem distinção de sexo* [...]” mostra a referência da importância da co-educação dos sexos, defendida por Ferrer, a fim de que meninos e meninas:

[...] tenham idêntica educación; que por semejante manera desenvuelvan la inteligencia, purifiquen el corazón y templen sus voluntades; que la hu-

manidad feminina y masculina se compenetren, desde la infancia, llegando a ser la mujer, no de nombre, sino en realidad de verdad, la compañera del hombre (FERRER, 1912, p.30).

Observando esta linha de pensamento de Ferrer, o seguinte artigo, endereçado às mulheres para que se libertem, é encontrado no jornal “A Plebe”:

Vós que fostes os primeiros seres humanos victimas da escravidão, porque fostes escravas mesmo antes que houvesse escravos...Vós que desde os tempos primitivos vindes na luta pela existência soffrendo as maiores violências, as servicias mais cruéis e selvagens [...] Vós mulheres não podeis mais permanecer passivamente a olhar [...] (A PLEBE, 24/05/1919)

A base racionalista e científica do ensino propagado por Ferrer é bem clara no discurso defendido pelo jornal. Como já foi dito anteriormente, são poucas as citações diretas a respeito da educação. Entretanto, pode-se inferir, neste extrato, e, em outros, a defesa do racionalismo e da ciência em detrimento ao dogmatismo.

A grande força da doutrina anarchista está, em parte, na base científica dos seus princípios; está no determinismo, no evolucionismo, na concepção monístico da natureza. É por isso que as idéias pelas quaes quebramos lanças repousam no realismo com que os philosophos da natureza varreram as trevas os mysterios que envolviam a sciencia, não podemos faltar-nos a homenagem que devemos a esses sábios que, pelos serviços prestados à sciencia e a humanidade tornaram-se os verdadeiros precursores da doutrina (A PLEBE, 04/08/1917).

Ferrer mantinha Conferências Dominicais que nada mais eram que palestras dadas aos adultos, para que estes também pudessem se livrar de todo dogmatismo através do conhecimento científico. O diretor da Escola Moderna n.1, conhecedor do trabalho de Ferrer, procurou manter estas conferências em sua escola. O jornal relatou que, no dia da data de aniversário da Comuna de Paris, foi feita uma comemoração:

Depois, na mesma escola, a fim de melhor corresponder a seus fins, será realizada, na sua sede,

uma série de conferencias científicas, tendo sido convidadas desde já diversas pessoas de competência, entre as quaes se nota o prof. Saturnino Barbosa. (A PLEBE 08/03/1919).

As festas na escola tinham o objetivo de mostrar aos pais dos alunos os trabalhos desenvolvidos por seus filhos: “A festa realizada no sábado na Escola Moderna n.1, correu a contento da assistência e não regateou applausos aos alumnos que cantaram hymnos e recitaram belas poesias” (A PLEBE, 08/03/1919); desenvolver um relacionamento que aproximasse os pais e alunos da escola: “Terminada esta parte, passou-se ao baile familiar, que esteve bastante animado. Houve também leilão de prendas” (Idem, 08/03/1919); arrecadar fundos para a manutenção da mesma: “[...] será organizada uma festa em benefício da Escola Moderna n.1 [...] (Idem, 12/04/1919), as pessoas [...] interessadas em contribuir para a manutenção desse nosso centro de ensino dos pequeninos proletários, poderão coadjuvã-lo com a offerta de prendas [...] (Idem, 19-04-1919) e promoverem a propaganda da escola: ”Serão convidadas para assistir pais de alumnos e pessoas interessadas pela difusão do ensino racionalista” (Idem, 12/04/1919).

O Boletim da Escola Moderna, prática lançada em Barcelona por Ferrer, foi adotado por João Penteadado na Escola Moderna n.1. Em um artigo encontrado no jornal, observam-se as dificuldades financeiras que enfrentavam para a publicação dos Boletins, pois para conseguir publicar o primeiro, em 13 de outubro de 1918, tinham:

[...] recebido para este fim o concurso de associações operárias, loja maçônica G. Marconi e alguns companheiros, que contribuíram em subscrição, voluntariamente (A PLEBE, 08/03/1919)

No que se refere à relação trabalho e educação anarquista, não foram encontrados artigos no jornal “A Plebe”. Contudo, é de se lembrar que Ferrer não fez em seus estudos menção à necessidade desta relação, preocupando-se mais em educar para a liberdade,

[...] no espírito da ciência; isto é, liberar as crianças de todos os preconceitos e dogmatismos que haviam obscurecido e anulado a capacidade de decisão autônoma dos seres humanos [...] ele

acentuava o caráter diretamente liberador de um ensino científico com expressões que devem ser entendidas no bojo deste ambiente positivista [...] (MORIYÓN, 1989, p.20).

Os artigos em que se encontram os termos crianças e trabalho, simultaneamente, têm o objetivo de chamar a atenção para a exploração e mortes sofridas por estas no interior das fábricas, tratando-as como mártires, ou, ainda, para ir contra a imprensa burguesa, que, não observando a carestia em que se encontrava o operariado, acusa os pais destas de não enviarem as crianças a escola porque são:

[...] ganaciosos e verdugos de sua própria carne. Como estão errados os referidos senhores! Pois não sabem elles que ganhando os operários, hoje em dia os salários irrisórios e mesquinhos, têm que forçosamente manter os filhos em uma oficina qualquer? Desconhecem ainda que faltando-lhes os recursos necessários a aquisição dos livros e outros apetrechos de estudo, o caminho que naturalmente lhe é indicado é o de mandarem os descendentes ao trabalho? (A PLEBE, 15/03/1919)

Porém, isso não quer dizer que o movimento libertário não tenha se preocupado em abrir cursos práticos para os operários. Artigos no jornal “A Plebe” chamam a atenção para cursos técnicos, porém estes se destinam aos adultos:

Notícias de Recife dizem que a Federação de resistência das Classes Trabalhadoras vai estabelecer cursos práticos para seus associados, em todas as séries e sucursaes. Isso! Façamos tudo por nossas mãos! Os governos, esses, estão preocupados com assumptos de máxima importância, taes como alistar idiotas, perseguir phantasmas vermelhos e colocar os seus meninos bentos (Idem, 16/09/1919).

Um outro artigo¹², de 30 de agosto de 1919, traz uma listagem dos aspectos a serem observados quanto à atividade do trabalho **após** a revolução, considerando-o uma atividade de vital importância; da qual ninguém poderá furtar-se; que poderá ser escolhido conforme agrade ao trabalhador; feito

¹² Este artigo traz uma listagem de todos os aspectos a serem observados quanto à finalidade da revolução e o trabalho após a mesma. Como a educação não é contemplada em tal artigo ele não foi colocado em sua íntegra no corpo do trabalho. Outro artigo de 27/12/1919 também expõe os princípios do trabalho anarquista mas, da mesma maneira que os demais, não faz menção à educação.

pela mulher também, mas conforme suas aptidões, e aponta ainda alguns outros aspectos. No entanto, nada consta da maneira em que a educação será conectada ao trabalho. Estes artigos levam ao entendimento de que o trabalho era um elemento essencial na sociedade libertária, entretanto, sua relação com a educação não aparece nas folhas do jornal, visto que, ao adotarem Ferrer como seu porta-voz no quesito educação, assim como ele, não fazem a co-relação dos dois elementos, mas sim trabalham no sentido de libertar seus leitores de dogmatismos de qualquer espécie.

Por isso, o aspecto ideológico da exploração do trabalhador não é esquecido e um dos artigos que melhor demonstra o pensamento dos colaboradores libertários do jornal e sua ligação com a educação do operariado é “*Perguntas ingênuas*”:

Porque é que um homem pode fazer com que mil outros homens, geralmente mais inteligentes que elle mais fortes que elle, trabalhem em seu proveito? Pelo dinheiro... Se o leitor estiver com paciência recomece a leitura deste artigo, se achar que este círculo é vicioso demais, compre livros como estes: A Escravidão Moderna, Palavras de um Revoltado, A Conquista do Pão, A Dor Universal, A Sociedade Moribunda e a Anarchia, e em qualquer delles, terá uma explicação completa (Idem, 20/12/1919).

Considerações finais

Os textos referentes à educação retirados do jornal, bem como outros que se referem ao trabalho e à ideologia a que este grupo se opunha, foram de grande importância para a análise do posicionamento do Estado quanto ao movimento libertário e deste quanto àquele.

Os artigos encontrados no jornal “A Plebe” convocam os trabalhadores a “ler nas entrelinhas” do discurso da classe dominante e lutar pelos seus direitos; critica severamente todo e qualquer elemento de dogmatismo sobre o operariado, num discurso claro e aberto.

Ao fazer diferentes questionamentos, o jornal desempenhou seu papel de educar os militantes anarquistas através da propaganda, “[...] isto é,

pela sua apresentação e debate e não a doutrinação” (PERES, 2006, p.140), contribuindo assim no processo de desvelamento da ideologia que a classe dominante impunha sobre o operariado, mostrando em diversos artigos que:

Uma das maiores, das mais acuradas preocupações dos dirigentes dos povos tem sido a de ensiná-los a obedecer sempre, mesmo quando, com a sua obediência, sancionava as maiores infâmias. Não era permitido aos oprimidos a mais insignificante observação, a mais leve rebelião; e quando, com a influência da escola, da moral, da lei, da ordem, da imprensa, não era possível obter absoluta obediência, então se empregava a mais severa, a mais desumana reação. E foi por ter adormecido no povo a livre vontade de compreender, de raciocinar, que os governos todos puderam, em um dado momento como malfeitores, chegando a sua imprudência a assassinar homens como Francisco Ferrer (A PLEBE, 31/10/1919) .

Todo este discurso, defendido pelo jornal, levou-o a ser empastelado inúmeras vezes e seus colaboradores perseguidos e deportados, pois as críticas ao Estado, à Igreja e à exploração por parte dos patrões não eram veladas. Assim, o Governo, a Igreja e os industriais vendo nestes artigos um perigo para a ordem vigente, perseguiram tanto as formas de propaganda libertárias – jornais - quanto suas iniciativas educacionais – escolas - que acabaram por serem “esquecidas”, tão grande foi o esforço da polícia durante a Primeira República em destruir os arquivos e dados referentes ao movimento anarquista e suas ramificações.

REFERÊNCIAS

ARENA, D.B. A voz do trabalhador (1908 – 1915) e a educação anarquista no Brasil. *Didática*, São Paulo, v.26/27, p.21-23, 1991.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 12.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

DULLES, J.W.F. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social**. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

FERRER, F. **La escuela moderna**. Barcelona: Solidaridad, 1912.

GUIRALDELLI, P.Jr. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1987.

HILSDORF, M.L.S. **História da educação brasileira**. São Paulo: Thompson, 2003.

KHOURY, Y.M.A. **Edgard Leuenroth : uma voz libertária imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

LEUENROTH, E. **Anarquismo: roteiro de libertação social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LUIZETTO, F. **Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo literário e educacional** (USP, 1984, mimeo).

MORIYÓN, F.G.(Org). **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PERES, F.A. Estratégias de aproximação, sociedade de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.11, Autores Associados, São Paulo, SP, 2006.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2007.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1986.

VALVERDE, A. J. R. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. Tese de doutorado. Disponível em: < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000102984> > Acesso em 10 ago. 2007.

FONTES PRIMÁRIAS:

AEL – Arquivo Edgar Leuenroth. 09/06/1917

_____. 16/06/1917

_____. 30/06/1917

_____. 04/08/1917

_____. 25/08/1917

_____. 08/09/1917
_____. 22/09/1917
_____. 08/03/1919
_____. 15/03/1919
_____. 12/04/1919
_____. 19/04/1919
_____. 24/05/1919
_____. 31/05/1919
_____. 21/06/1919
_____. 12/07/1919
_____. 19/07/1919
_____. 09/08/1919
_____. 16/09/1919
_____. 17/09/1919
_____. 19/09/1919
_____. 31/10/1919
_____. 20/12/1919